

**HISTÓRIA, FICÇÃO E IDENTIDADE
O 25 DE ABRIL NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E
JOVENS**

**HISTORY, FICTION AND IDENTITY
THE 25 OF APRIL IN CHILDREN'S AND YOUTH LITE-
RATURE**

Maria da Natividade Pires

Instituto Politécnico de Castelo Branco, ESE

ORCID 0000-0002-7853-1595

Resumo

Este artigo aborda uma diversidade de livros para crianças e jovens sobre o 25 de Abril de 1974, publicados ao longo de cinco décadas. As dimensões informativa, pedagógica, ideológica e literária articulam-se de diferentes formas, sendo estas obras multifacetadas na transmissão às crianças e jovens do séc. XXI dos valores defendidos pela Revolução do Cravos em Portugal.

Palavras-Chave: Revolução, Literatura para Crianças e Jovens, Ideologia, Cosmovisão.

Abstract

This article discusses a variety of books for children and young people about the 25th of April 1974, published over five decades. The informative, pedagogical, ideological and literary dimensions are articulated in different ways, and these works are multifaceted in their transmission to children and young people of the twentieth one century of the values defended by the Carnation Revolution in Portugal.

Keywords: Revolution, Children's and Youth Literature, Ideology, Worldview.

Numa sociedade que tanto defende a importância da leitura, onde se elaboram sucessivos programas e orientações escolares para a melhoria de competências leitoras das crianças e jovens, confrontamo-nos sistematicamente com o contraste entre os documentos e discursos oficiais e as práticas de adultos, por suposto, educadores, sejam professores ou pais. Mais do que essa insólita contradição, impõem-se as redes sociais, para além dos realizadores e programadores televisivos.

A relação literatura infantil e ideologia, mais do que nunca, merece a nossa reflexão. Se no séc. XIX a literatura infantil surge como um instrumento ideológico ao serviço das classes dominantes, quando a criação literária começa a dar atenção particular a este público, a verdade é que os aparelhos ideológicos de Estado, de forma mais ou menos explícita ou mais ou menos controlada, nunca mais deixaram de olhar para os textos potencial e preferencialmente dirigidos ao destinatário criança como um meio de veicular valores dominantes.

Os autores portugueses que escrevem sobre o 25 de Abril pensando no leitor criança, revelam uma preocupação cívica e uma preocupação de preservação da memória e identidade coletivas.

Quase inevitável, no entanto, a apresentação de um olhar veiculador de determinadas visões do mundo. Vejamos até que ponto a pluralidade de olhares se manifesta para a construção de uma visão crítica do mundo por parte da criança e do jovem.

Guilherme Alcântara e Aline Silva, num artigo de 2020, publicado na *Revista de Direito da Faculdade Guanambi* (do Estado da Baía, no Brasil), questionam “Como educar sem (tomar) partido? O que os recentes estudos em literatura infantil têm a contribuir para esse debate? E como o ensino jurídico se relaciona com tudo isso?” (2020, pp. 1-2).

É particularmente interessante a associação estabelecida pelos autores entre as ideologias veiculadas pela literatura para crianças e a forma de olhar o Direito. Os autores defendem que na abordagem desses textos se possa “alcançar a proposta da pedagogia irônica como um relevante mecanismo de emancipação do indivíduo, seja no ensino básico, seja no ensino jurídico”. (p. 3)

Pelo caminho, encontramos, desde o séc. XIX, como refere Althusser, o aparelho ideológico escolar, da sociedade burguesa, que substitui o aparelho ideológico da Igreja. Citamos:

Desde a pré-primária, a Escola toma a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais, e a partir da Pré-Primária, inculca-lhes durante anos, os anos que a criança está mais ‘vulnerável’, entalada entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado Escola, ‘saberes práticos’ [...] envolvidos na ideologia dominante (...). (Althusser, 1980, p. 64 *apud* Alcântara & Silva, 2020, p. 8)

Ora, uma ideologia que representa a Escola como um meio neutro, não é “honesto”, porque isto não acontece nunca. Acaba por se basear no senso comum, que tem tendência a ser normativo e a assegurar as relações de poder.

Nas últimas décadas, muitas obras literárias ou informativas, com as crianças e jovens como destinatários preferenciais, têm priorizado o universo e a perspectiva infantil. A isto não é indiferente a estética da receção, o que permite um outro olhar sobre o mundo, tentando fugir ao domínio do politicamente correto ou normativo. Não é um descentramento garantido, mas é uma oportunidade. Quase todos os livros publicados sobre o 25 de Abril nesta área são assumidamente históricos e informativos, ainda que alguns tenham um pendor literário, sendo as ilustrações a sua dimensão estética mais forte. Todos são orientados por uma clara ideologia defensora de uma sociedade democrática e da liberdade individual, o que na nossa sociedade ocidental são direitos considerados inalienáveis. No entanto, a preocupação em transmitir os “valores de Abril” é tão forte que nestas obras, por vezes, se dilui a “pedagogia irónica e não canónica, em que se valoriza a indagação”, que é apresentada pelos autores brasileiros referidos como uma das dimensões mais construtivas na atual literatura para crianças e jovens.

Escreve Maria Augusta Figueiredo, já em 2006, na sua dissertação de mestrado, que “Cientes que a Revolução não criou, ainda, um verdadeiro imaginário como outrora a Monarquia, a Primeira República, ou mesmo o Estado Novo, constatamos que existem várias obras infanto-juvenis que tentam contribuir para a fixação na memória desse momento da nossa História colectiva” (2006, p. 8). Desde 2006, muitas outras obras foram publicadas. De uma longa lista de títulos, seleccionamos alguns para esta reflexão.

Se alguns dos livros publicados ao longo destas cinco décadas destacam figuras e factos centrais da Revolução, a vários níveis, seja a luta dos trabalhadores contra a ditadura, a luta através das canções de intervenção ou as figuras que se destacaram no próprio dia 25 de abril. Vejam-se livros como *Catarina de Todos Nós*, de Sidónio Muralha e ilustração de Pedro Penilo (2021; 1.^a edição de 1979, com ilustrações de Teresa Dias Coelho), *Zeca Afonso e a*

Malta das Cantigas, de José Jorge Letria, publicado em 2002, ou *Salgueiro Maia — O Homem do Tanque da Liberdade*, com texto do mesmo autor e ilustrações de António Jorge Gonçalves, publicado em 2014, que se centram maioritariamente no movimento coletivo, ainda que destaquem a personalidade relevante de alguém que se destacou nesse movimento.

Verificamos que são bastante mais numerosos os livros direcionados para um público a partir de cerca dos 10 anos e adolescente, certamente porque a compreensão e curiosidade por determinadas situações sociais e políticas só são acessíveis para as crianças mais jovens através de metáforas, como por exemplo, no caso do livro de António Torrado (ilustrações de João Abel Manta), *A Vassourinha* (2001), onde a revolta da vassoura é uma metáfora para a revolução e *A Fábula dos Feijões Cinzentos* (2000), de José Vaz (ilustrações de Elsa Navarro), onde os feijões representam o povo, tendo alguns deles tomado conta de tudo, incluindo o Sol, a Água e o Ar. No entanto, tanto estes livros como os outros são profusamente ilustrados e esta dimensão é sempre muito relevante ao nível informativo, estético e para o envolvimento emocional do leitor. Por isso, referimos sempre os ilustradores, sendo que apenas em um ou dois casos esporádicos os livros não são ilustrados, por se destinarem preferencialmente a um público juvenil ou adulto e não a um público infantil.

Começamos por analisar alguns aspetos de livros essencialmente informativos, para um público preferencialmente em início de adolescência.

25 de Abril, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, com ilustração de Sofia Cavalheiro (2004), publicado nos 30 anos da Revolução, tem uma nota de abertura do Presidente da Assembleia da República, à data, Mota Amaral, que refere que o objetivo desta edição da Assembleia da República é "...fazer chegar, por este meio, a todos os rapazes e raparigas que frequentam o 2.º e o 3.º ciclos

nos nossas escolas, um alerta pelas liberdades democráticas e pelo 25 de abril, que as restaurou em Portugal.” O livro destaca, por exemplo, que viver em liberdade implica liberdade de informação, liberdade política, de criação artística e de manifestação.

As imagens que o ilustram trazem até ao leitor fotografias de situações reais, também através de recortes de jornais, infografias, cartazes da época, letras de canções de intervenção que foram uma bandeira de liberdade e entusiasmo nas décadas de 70 e 80 do séc. XX, e desenhos sobre situações não documentadas fotograficamente, como fugas à noite, com as pessoas escondendo-se da polícia no meio do mato, e rusgas feitas em casa de outras para se tentar descobrir documentos, panfletos, contra o regime ditatorial. A reprodução de fotografias e outros documentos são uma forma de manter vivo o imaginário coletivo criado a partir de uma realidade que as crianças e jovens atuais não conhecem. A democracia conquistada é apresentada como o contexto em que é possível chegar ao séc. XXI com obras inovadoras a vários níveis, destacando-se a Ponte Vasco da Gama, barragens, bibliotecas, museus, fruto de uma sociedade mais culta e informada, onde as populações exigem melhores condições de vida. Estes livros de pendor informativo e histórico revelam posturas mais ou menos duras dos autores relativamente ao regime Salazarista e suas organizações.

No caso do livro de José Fanha, *Era uma vez o 25 de abril* (2014), publicado nos 40 anos da Revolução, e com os acontecimentos narrados na primeira pessoa, essa postura é altamente crítica. As narrativas romanceadas, sobretudo as escritas na primeira pessoa, como esta, permitem “conhecer, com as personagens da ficção que se cruzam com as personagens reais, algo desse passado” (Figueiredo, 2006, p. 9) e “ajuda a perceber melhor o que foi o 25 de Abril e sobretudo facilita-nos a tarefa de contar a História mais do lado de dentro, isto é, mais do lado das pessoas que a viveram, das suas motivações, dos seus comportamentos, das suas

acções e reacções, mas também dos seus sentimentos mais íntimos” (Cruzeiro, 2001, p. 79 *apud* Figueiredo, 2006, p. 9-10). O narrador/autor (neste caso, são instâncias assumidamente identificadas uma com a outra) conta:

Eram sete horas da manhã ou pouco mais, ainda eu estava em vale de lençóis e preparado para continuar a dormir mais um bom bocado, quando a minha mãe veio abanar-me. “— Acorda, filho! Está a acontecer uma revolução! (...) São os militares!

(...) Estão a dar um comunicado na rádio!”. Naquele tempo, não havia internet nem telemóveis e quem queria saber as últimas notícias tinha de as ouvir na rádio. (2014, p. 9)

Depois, há um *flashback* para explicar como surgira o Estado Novo, a PIDE, as atividades de censura aos livros, cinema, teatro. A organização da Mocidade Portuguesa é comparada a organizações de características militares para a juventude, como na Alemanha Nazi. O autor associa frequentemente o que se passava em Portugal com outros regimes totalitários extremista da Europa, mesmo ao nível das manifestações culturais acarinhadas, salientando o que fazia parte de uma cultura tradicional para identificar o país e funcionando também como propaganda junto dos turistas, divulgando a imagem de um país feliz consigo próprio e em harmonia social. O estilo biográfico, que se afirma como testemunha fidedigna do que aconteceu, enquadra o estilo de vida das pessoas: “Quando eu nasci, em 1951, (...) as famílias juntavam-se à volta do aparelho de rádio para ouvir as notícias, as canções, os relatos de futebol, ou seja, aquilo que o governo permitia e a censura não cortava” (p. 40). A guerra colonial, as Universidades e as crises académicas são outras referências presentes. E de novo, o destaque para o testemunho pessoal:

Nessa altura [anos sessenta], já à porta da adolescência, comecei a ouvir, um pouco a conta-gotas, um pouco às escondidas, os discos da nova música inglesa e americana, como os *Beatles* ou os *Rolling Stones* à cabeça. Por influência dessa música, surgiu, então, uma quantidade enorme de grupos de rock portugueses (...). (p. 54)

O livro termina com a sistematização dos dias e horas que antecederam o 25 de Abril, o dia da “Revolução sem tiros”, os dias a seguir, e um breve texto genérico sobre “o 25 de Abril visto no resto do mundo”.

Passando a um terceiro livro de carácter informativo, de José Jorge Letria, com ilustrações de Helder Teixeira Peleja, *O meu primeiro 25 de Abril*, publicado já em 2024, reencontramos um narrador na primeira pessoa, neste caso dando testemunhos num registo mais próximo das referências de uma criança de 9 ou 10 anos: “No dia 24 de abril de 1974 (...), fui almoçar com a minha mãe a Cascais, terra onde nasci (...). Disse-lhe (...): “Mãe, amanhã fique em casa, não vá às compras e vá sempre ouvindo rádio. (...) Depois dou-lhe notícias do que se passa” (2024, p. 3).

Segue-se um texto narrativo de opinião sobre os “tempos difíceis” da Ditadura, com algumas referências idênticas às do livro referido antes, como a censura, a guerra colonial, mas muito mais sintéticas. Destaca-se que “As mulheres não tinham os mesmos direitos que os homens” (p. 9). O autor, identificado com o narrador, também neste caso, dá o seu testemunho pessoal sobre reuniões e conversas que teve para derrubar o regime, partilhando com o leitor as vivências pessoais ao longo dos dias que antecederam e sucederam ao dia da revolução:

Cerca de duas semanas antes (do dia 25 de abril), num jantar com Álvaro Guerra, escritor e meu camarada de redação do jornal República, ele perguntou-me se eu estava disponível para apoiar

os militares numa ação contra o regime (...). (...) Não hesitei em responder-lhe que sim. (p. 12)

Todos os momentos referidos resultam de um testemunho direto do autor. Num registo emotivo, muito pessoal, José Jorge Letria confessa:

Faltou-me ter o meu pai ainda vivo para lhe poder contar e para partilhar com ele a minha alegria sem limite. (...) No final da manhã do dia 30 de abril, estive com Zeca Afonso, entre outros, no aeroporto da Portela para receber vários opositores ao regime que regressavam do exílio. (...) Abraçámo-nos, demos entrevistas e cantámos juntos (...). Nessa noite reunimo-nos na casa do pai do José Mário Branco... (p. 26)

Depois há uma conversa com a mãe e mais à frente uma alusão aos netos: “Se eu estivesse agora a falar com os meus netos, não lhes diria que foi assim o meu 25 de Abril, mas apenas:

“Um dia aconteceu-me abril!”, sabendo que esta frase resume tudo o que a emoção desta narrativa breve e sentida não consegue abarcar. (...) A nossa vida e a do mundo mudou em muitos aspetos nesses dias mágicos e únicos. Foi a nossa revolução. (p. 32)

A frase que encerra o livro é: “Foi o dia mais feliz da minha vida.” Temos, portanto, uma perspetiva assumidamente subjetiva e emotiva sobre os acontecimentos, onde as referências aos entusiasmos partilhados pelos cantores de intervenção são uma tentativa de envolver emocionalmente o leitor criança ou adolescente de 2024. Reavivar canções da época, por exemplo, pode ser um atrativo para os jovens, contribuindo para partilharem esse entusiasmo e explorando as letras, que são, frequentemente, de muita qualidade literária.

Em *25 de abril. No princípio era o verbo*, de Manuel da Fonseca, com ilustrações de Nuno Saraiva, de 2024 também, a dimensão humorística, associada à informativa, ganha destaque, tanto nos textos selecionados (*slogans*, frases de cartazes, etc.), muitas vezes contraditórios, oriundos de linhas políticas diversas, como nas ilustrações.

Esta é uma forma completamente diferente de apresentar a liberdade e o pluralismo de opiniões que a revolução permitiu. O texto fala dela numa linguagem literária conjugada com a informativa:

A liberdade chegou como uma inundação: (...). Esse Portugal de cabelos desvairadamente compridos, calças à boca de sino, *soutiens* a serem queimados, ainda tão rural, às vezes involuntariamente quase hippie, esse Portugal a pôr a ávida boca na orgia de novos costumes. (2004, p. 11)

E depois, frases que circularam e agora, 50 anos depois, continuam tão expressivas de um entusiasmo novo: “A terra a quem a trabalha, mortos fora do cemitério já!”, ou “A terra a quem a trabalha, o ovo a quem o põe!”, “Abaixo o sabão amarelo! Abaixo a tinta da China! Independência Nacional!”, “Nem mais um soldado para as colónias, nem mais uma freira para o céu!”.

Trata-se, claro, de uma narrativa histórica e objetiva, mas também pluralista nas ideias, ao apresentar, sem exclusões ideológicas, os *slogans* e palavras de ordem que exemplificámos. Essas características, exigindo uma leitura não unívoca, crítica e irónica, tornam-no mais acessível a leitores adolescentes do que as crianças, dada a necessidade de compreender o inesperado de uma afirmação e o seu contrário e exigindo também uma capacidade de interpretação simbólica. Este é um livro que ilustra como o olhar distanciado em relação a um acontecimento histórico pode ser objetivo, plural e entusiasmante, transmitindo com um olhar externo, a explosão de alegria e libertação que a população portuguesa viveu há 50 anos atrás.

Romance do 25 de abril, de João Pedro Mésseder, com ilustrações de Alex Gozblau (2007), personifica Portugal que, como se fosse uma criança, vai crescendo à medida que vive a opressão e a pobreza, até se libertar. O uso da cor, nas ilustrações, é fortemente simbólico para estabelecer o contraste entre duas épocas. Predomina a dimensão histórica, apesar desta estratégia de personificação do país. Outros livros com esta dimensão apresentamo-los aqui apenas como exemplo.

A flor de abril — conversa entre um pai e um filho, de Pedro Olavo Simões e Abigail Ascenso, publicado em 2011, leva-nos de novo à questão geracional. A verdade é que no contexto familiar das crianças de 2024, quem viveu o 25 de Abril são já os seus avós e não os pais que podem contar o que viveram...

Também em *Miguel e Kiko no 25 de Abril*, de Gisela Silva e ilustração de Susana Lima, publicado já em 2024, as crianças partilham o entusiasmo da multidão, no dia 25 de Abril, na companhia da tia Antónia e juntam-se à manifestação onde se grita por liberdade. Miguel fica admirado com tudo o que observa e percebe que é o entusiasmo de uma nação levantada, a caminho da democracia. Nestas obras, é evidente como a literatura funciona também como um signo ideológico e representa “uma certa cosmovisão e, em função dessa cosmovisão, a História a que se liga” (Reis, 1995, p. 78).

A noção de distância temporal é algo que nem sempre é tido em conta nestes textos, em relação ao mundo das crianças e jovens do séc. XXI e que é fundamental para se decidir quais as formas de contar! Lembro uma conversa que tive com uma criança de 6 anos: “Olha, hoje o meu avô faz anos!”, “Ah, então tens festa! E quantos anos faz?”, “Acho que uns 90!...” — Acontece que o avô fazia 67 anos... Mais à frente, na conversa: “Os nossos avós já eram nascidos no séc. XV?”, “Não, nasceram muitos anos e séculos depois.”, “Mas no séc. XIX já tinham, não é verdade?”... “Ainda não, mas isso já foi há menos tempo, sim...”. Portanto, a época dos avós é qualquer

coisa que temporalmente é mais ou menos equivalente ao “Era uma vez, num reino distante...”.

Na verdade, a maioria dos livros publicados sobre o tema em causa têm como destinatário preferencial um jovem leitor, digamos a partir dos 10/12 anos, por isso, para crianças mais pequenas um livro como o de Ana Markl e Christina Casnellie, *Avó, onde é que estavas no 25 de abril?* (2022), parece-me bastante mais aliciante. Neste é a perspetiva da criança que impera. E falamos agora de narrativas ficcionadas. Sem marcas ideológicas excessivas, apresenta uma polifonia que nos livros analisados até agora apenas surge na ironia presente no livro *25 de abril. No princípio era o verbo*.

Em *Avó, onde é que estavas no 25 de abril?*, Manu é um rapazi-nho que está sentado à mesa e não quer comer brócolos, mas o pai responde-lhe “Come e cala-te”. Depois do almoço, vai brincar com a amiga Sofia para o jardim, jogam à bola e esta vai parar acima dos cravos que o pai plantou, por isso recebe a reprimenda “Já para o quarto!”. Furioso, Manu comenta: “Não se pode fazer nada nesta casa! (...) Primeiro os brócolos, depois os cravos! Como a minha avó costuma dizer: Não foi para isto que se fez o 25 de Abril!”. A amiga pergunta-lhe o que sabe ele sobre isso, ao que Manu responde “Sei que é feriado!”, mas fica a pensar no assunto e até sonha com um ataque que um exército de cravos lhe vai fazer... Um dia em que a avó os visita, resolve tirar as dúvidas sobre a tal Revolução dos Cravos e faz a célebre pergunta: “Avó, onde é que tu estavas no 25 de abril?”. A resposta é inesperada, mas corresponde, na verdade, ao que aconteceu com milhões de portugueses: “Estava a dormir.” E depois chega o telefonema de um amigo (“Liga o rádio!”), sendo que a avó esclarece que atendeu um telefone (fixo), e que “Não havia cá telemóveis”. Quando a avó fala da ditadura, Manu consulta discretamente a wikipédia no telemóvel. Mas há uma questão importante para Manu, em relação ao que acontecia na ditadura: “Obrigavam-te a comer brócolos?”, “Se lhes apetecesse (...)” respondeu a avó, e

conta-lhe como os militares conseguiram levar a cabo a revolução, sem tiros e com os cravos na ponta da espingardas, permitindo a liberdade de ler o que se quisesse, ver os filmes que se quisesse ou cantarolar a música que nos apetecesse. Chega a hora da refeição e o pai diz de novo: "Manu, já te disse para comeres os...", Manu interrompe: "25 de Abril sempre! Brócolos nunca mais!". Pai e avó respondem: "Vá lá, Manu, senta-te! Não foi para isto que se fez o 25 de Abril." E a expressão de todos é de boa disposição, integrando-se os comentários de forma natural na vivência familiar.

Não é por acaso que esta perspetiva de apresentar manifestações de liberdade e seus limites, de forma flexível e não doutrinária, surge em obras publicadas nos 50 anos da Revolução ou pouco antes. Voltamos a destacar a visão plural que o distanciamento permite e o desligar de referências exclusivamente históricas, permitindo uma adesão aos valores de Abril mais espontânea e menos panfletária.

Colocámos algumas perguntas ao mesmo rapazinho, agora com 12 anos. Para evitar comentários que condicionassem as respostas, foi elaborado um breve questionário a cujas perguntas ele respondeu por escrito, em casa, e sozinho:

1 — Já ouviste falar do 25 de Abril? Diz algo que saibas sobre a importância dessa data.

— Sim, já ouvi. Nessa data houve uma revolução dos militares contra Salazar e a Ditadura, que com o apoio do povo ficou mais fácil.

2 — Onde ouviste falar desses acontecimentos?

— Ouvi falar na escola quando ainda andava na primária. A minha família e a minha professora da primária falaram-me do 25 de Abril.

Em relação a dois dos livros apresentados, o de José Jorge Letria (2024) e este de Ana Markl (2022), pedimos também opinião:

— *A capa destes dois livros chama a tua atenção? O que relacionas com o 25 de Abril?*

— *Sim, chama. Num livro consigo ver vários cravos, que têm muito a ver com o 25 de Abril (“Avó, onde estavas...?”). Já no outro consigo ver também cravos e uma televisão onde a maior parte dos portugueses daquela altura viram a revolução. (...)*

— *Escolhe um dos livros e lê. O que achaste do livro? Refere um ou dois acontecimentos que consideres interessantes.*

(A criança escolheu o livro *Avó, onde estavas no 25 de Abril?*)

— *Achei interessante o pai quase a chorar porque dizia que os cravos eram um símbolo nacional [inferência da criança a partir da ilustração porque o texto não explicita isso]. E a avó a dizer que estava a dormir no 25 de Abril e o amigo a telefonar-lhe com um telefone, mostrando o que havia nessa época.*

Verifica-se que uma situação aparentemente menos significativa (estragar os cravos do jardim) chamou a atenção do miúdo, revelando sensibilidade a uma reação emocional da personagem do pai; por outro lado, foi sensível ao inesperado da resposta da avó, num contexto em que, na memória que se pretende transmitir aos jovens, parece, por vezes, que toda a gente acompanhou e viveu diretamente a revolução desde o primeiro momento. Destaca-se também, nesta resposta, como os meios de comunicação mudaram:

segundo Torgal [1989], esta memória histórica resulta de uma multiplicidade de fontes que vão desde conhecimentos espontâneos transmitidos tradicionalmente ao longo de gerações, à história aprendida a partir da infância e ao longo da vida, na escola, na família e na rua. (Figueiredo, 2006, p. 24)

Nestes livros, tenta-se ultrapassar a noção de distanciamento temporal que a criança do séc. XXI inevitavelmente sente, conquistando a sua empatia através da nostalgia e/ ou euforia de quem viveu os acontecimentos de há 50 anos, apresentando uma História “vívida” através de emoções personalizadas e não apenas através dos factos históricos.

Livros mais simbólicos surgiram, no entanto, há alguns anos. *O Tesouro*, de Manuel António Pina, com ilustrações de Pedro Proença, publicado em 1994, refere “um País de Pessoas Tristes”, onde alguém roubara um tesouro. Até que um dia, as pessoas decidiram reconquistar o seu tesouro e puderam gritar “Viva a Liberdade!”, o tesouro reconquistado. “Tudo isto aconteceu há muito tempo (ainda tu não tinhas nascido), (...) e o tesouro agora pertence-te a ti, és tu que agora tens de cuidar dele, guardando-o muito bem no fundo do teu coração para que ninguém to roube outra vez. (...)” — E implica-se a criança na responsabilidade de o país não voltar a ser o das “pessoas tristes” que não podiam dizer o que pensavam nem cantar o que queriam: “[estas pessoas] entreolhavam-se com olhos tristes (...) sumindo-se dentro das casas” (p. 2).

De Matilde Rosa Araújo, com ilustrações de João Fazenda, *História de uma flor*, de 2008, começa “Era uma vez uma flor.” O elemento que durante o dia do 25 de Abril se foi tornando um símbolo da liberdade, o cravo, surge aqui, “avant la lettre” como o símbolo da nova vida que vai florir. Cresce no escuro, visto apenas pelos seus amigos sapos. Cresce, floresce ao sol e um dia uma criança colhe-o. Entrega-o à mãe, entusiasmado, a qual lhe diz: “Sabes que esta flor tem milhões de irmãos?”, caminham os dois pelas ruas e o menino vê uma explosão de cravos por todo lado: “Era o mundo de coração aberto”. As pessoas eram “Rios livres a correr para o mar” e quando encontram o pai, abraçaram-se os três, sorrindo, “Como se abraçassem o mundo inteiro. E continuaram a caminhar” (sem paginação).

Aquele Natal inteiro e limpo, de José Gardeazabal, com ilustração de Susana Matos, publicado em 2023, estabelece uma intertextualidade com o poema “25 de Abril”, onde Sophia de Mello Breyner Andresen (1974, s/p) — “Esta é a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo” — apresenta um olhar sobre a História que só as décadas que o separam do 25 de Abril permite. De destacar que o narrador, também na primeira pessoa, é agora uma criança.

“O Natal aproxima-se e o meu avô não sabe o que é o Natal”, escreve o narrador, neste caso uma narradora, “Está esquecido a um canto, em silêncio, duas vezes esquecido, esquecido porque se esqueceram dele e esquecido porque não se lembra do Natal.” Mas um dia ele diz que o natal devia ser “Todos, todos [os dias], essa era a ideia do primeiro Natal.” A criança narradora frisa “O meu avô gosta de repetir a palavra todos. Todos, todos, para não deixar ninguém para trás.” E o avô continua: “-Passaram cinquenta anos desde o Natal. Para o meu avô, o número cinquenta é um número mágico, não sei porquê. — Esse primeiro Natal foi um vulcão — diz-me”. Mas a seguir: “Depois — acrescentou o meu avô -, depois começou o trabalho sujo. Naquele primeiro Natal, sonhávamos que o Natal era todos os dias. Pensa no Natal.” Um tom de desilusão instala-se, mas no final da história ambos vão passear na rua, vão juntos, alegres, levam flores... E renasce a esperança. Como escreve Paul Ricoeur, usando uma frase de Isak Dinesen no encerramento de uma conferência sobre a memória e o esquecimento: “Les chagrins, quels qu’ils soient, deviennent supportables si on les met en récit ou si l’on en tire une histoire” (2006, p. 29).

Fortemente simbólico, este livro ilustra uma identidade histórica e cultural que passa de geração em geração e transcende as referências datadas que estão na memória do avô, permitindo uma profunda partilha identitária com a neta. A criança da atualidade

constrói a sua visão do 25 de Abril a partir da memória daqueles que lhe são próximos e, tendo estabelecida uma relação afetiva forte, a sua memória diferida tem um alicerce que lhe surge imbuído de autenticidade.

Citando ainda Paul Ricoeur, a dimensão narrativa que a memória assume, no caso desta obra, parece-nos ilustrar a resposta à questão que se coloca:

Entre les deux pôles de la mémoire individuelle et de la mémoire collective, n'existe-t-il pas un plan intermédiaire de référence où s'opèrent concrètement les échanges entre la mémoire vive des personnes individuelles et la mémoire publique des communautés auxquelles nous appartenons? Ce plan est celui de la relation aux proches, à qui nous sommes en droit d'attribuer une mémoire d'un genre distinct. Les proches, ces gens qui comptent pour nous et pour qui nous comptons sont situés sur une gamme de variation des distances dans le rapport entre le soi et les autres. (Ricoeur, 2000, p. 161)

Para leitores adolescentes ou adultos, claramente, um romance como *25 de Abril, Corte e Costura*, de João Cerqueira, de 2019, também só com distanciamento da data que se celebra poderia surgir. Na diegese, celebram-se os 40 anos da revolução. Um Presidente de Câmara vê-se na dificuldade de conciliar as ideologias dos vários vereadores para o tipo de comemorações a fazer. A Direita propõe uma tourada, a Esquerda um desfile gay. Entretanto, chegam à cidade um antigo inspetor da PIDE decidido a acabar com a festa, um toureiro espanhol que sonha com a União Ibérica, um guru tarado sexual e as “Brigadas Indignadas” com a missão de fazer explodir uma bomba. O inspetor da PIDE e o dono de um café, conversam, sem se reconhecerem, descobrindo que têm ideias em comum.

Ora, mais de 40 anos antes, o dono do café fora preso e torturado por aquele inspetor...

A independência ideológica do narrador permite uma mescla de situações que são um hino à liberdade. Todos têm voz neste romance, até os que criticam a Revolução e têm saudades do tempo da ditadura, e a importância de projetar o significado do 25 de Abril para o futuro, surge na voz de uma personagem: “Alto, estamos aqui para debater o futuro e não o passado”, diz o Presidente da Câmara, numa reunião da Comissão de Honra para as comemorações da data histórica.

Destacamos ainda, de Raquel Costa, *25 mulheres*, também de 2024, composto por pequenos textos, onde as mulheres representadas são mulheres comuns que conquistaram o seu lugar de afirmação e liberdade na família, na profissão, na investigação, graças ao novo contexto político e sociocultural que o 25 de Abril proporcionou.

Na sinopse da editora, diz-se que este é um livro que representa “a gloriosa diversidade da existência no feminino.” E que:

Acima de tudo, fica o desejo de que este livro favoreça a curiosidade e o diálogo, quer pelo aprofundamento das raízes históricas dos relatos aqui narrados, quer pela indagação do significado contemporâneo do ser mulher.

A maior parte dos títulos dos livros que analisámos neste artigo são muito semelhantes, destacando o 25 de Abril logo nesse paratexto, mas os cinco últimos títulos referidos destacam-se pela sua singularidade, não remetendo de imediato para uma narrativa sobre a revolução, o que se deve a uma opção por sugestões mais simbólicas ou poéticas, em alguns casos tendo a ver com o distanciamento temporal da escrita destes textos.

Salientamos que nos livros analisados (e naqueles para os quais fazemos breves remissões) não encontramos perspectivas conser-

vadoras ou reacionárias, nem em nenhum que noutros momentos tenhamos consultado. Não podendo afirmar que não existem, o que podemos verificar é que recentemente surgiu, como demonstrámos anteriormente, uma visão humorística, por vezes cáustica, da multiplicidade de vivências que o 25 de Abril proporcionou, levando até a uma espécie de desfocagem e relativização das situações quando lembradas à distância de décadas.

A literatura desempenha, portanto, o seu papel para que crianças e jovens tenham acesso a muitas formas de compreender a data que se comemora. Assim, escola e a família se interessem por aproximar estes leitores da literatura!

Referências

LIVROS SOBRE O 25 DE ABRIL

- Araújo, M. R. & Fazenda, J. (2017). *História de uma flor*. Caminho (1.ª ed. 2008).
- Cerqueira, J. (2019). *25 de Abril, Corte e Costura*. Alêtheia Editores.
- Costa, R. (2024). *25 mulheres*. Oficina do Livro.
- Fanha, J. (2024). *Era uma vez o 25 de abril*. Penguin Random House/ Nuvem de Letras (1.ª ed. 2014).
- Gardezabal, J. & Matos, S. (2023). *Aquele Natal inteiro e limpo*. Kalandraka.
- Letria, J. J. & Manta, J. A. (1999). *O 25 de Abril Contado às Crianças... e aos Outros*. Terramar Editores.
- _____ (2002). *Zeca Afonso e a Malta das Cantigas*. Terramar.
- _____ & Gonçalves, A. J. (2024). *Salgueiro Maia – O Homem do Tanque da Liberdade*. Imprensa Nacional — Casa da Moeda (1.ª ed. 2014).
- _____ & Peleja, H. T. (2024). *O meu primeiro 25 de abril*. Publicações Dom Quixote.
- Magalhães, A. M., Alçada, I. & Cavalheiro, S. (2004). *25 de Abril*. Edições Assembleia da República.
- Mésseder, J.P. & Gozblau, A. (2007). *Romance do 25 de abril*. Caminho.
- Muralha, S. & Penilo, P. (2021). *Catarina de todos nós*. Edições Avante (1.ª ed. 1979).
- Markl, A. & Casnellie, C. (2022). *Avó, onde é que estavas no 25 de abril?*. Lillipute.
- Pina, M. A. & Proença, P. (2013). *O tesouro*. Assírio & Alvim (1.ª ed. 1994).

- Silva, G. & Lima, S. (2024). *Miguel e Kiko no 25 de Abril*. Opera Omnia.
- Simões, P. O. & Ascenso, A. (2011). *A Flor de Abril. Uma história da Revolução dos Cravos*. QuidNovi.
- Torrado, A. & Manta, J. A. (2001). *A Vassourinha*. Campo das Letras.
- Vaz, J. & Navarro, E. (2000). *Fábula dos Feijões Cinzentos. 25 de Abril como quem conta um conto*. Campo das Letras.

ESTUDOS

- Alcântara, G. G. & Silva, A. M. L. (2020). Literatura infantil e ideologia: da Escola sem Partido à pedagogia da ironia. *Revista de Direito da Faculdade Guanambi*, jul./ dez., v. 7 (02), 1-20.
- Cruzeiro, M. M. (2001). 25 de Abril — Regresso ao Futuro. *Malasartes*, 5, Abril.
- Figueiredo, M. A. F. P. (2006). *O 25 de Abril na Literatura para Crianças e Jovens*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses. Universidade Aberta.
- Reis, C. (1995). *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*. Almedina.
- Ricoeur, P. (2000). *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*. Ed. du Seuil.
- _____ (2006). Mémoire, Histoire, Oubli. *Esprit*, 3 (Mars/avril), 20-29. http://palimpsestes.fr/textes_philo/ricoeur/memoire-histoire-oubli.pdf